

Notícias do Algarve

Biblioteca Nacional

LISBOA

SEMANÁRIO REGIONALISTA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 254 — Domingo, 20 de Abril de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O NOVO PLANO DE FOMENTO

SÓ uma acção cuidada poderia resultar um plano e fomentar-se uma maior projecção económica-social, ao mesmo tempo

FRANCISCO GOTA

po que conduzir a um aperfeiçoamento e dar alas a uma obra iniciada que é um vulto, o carácter e a união da vida portuguesa.

O Plano de Fomento é já do domínio público. Também o seu obreiro não passa despercebido. Os portugueses devem-lhe o equilíbrio de tudo quanto esse homem de gabinete pôs em prática, criando entre nós verdadeiras fontes de riqueza.

E agora que na Sala da Imprensa no Secretariado Nacional de Informação, o Dr. César Moreira Batista depôs as bases do Plano de Fomento para 1959-64, o qual abrange um total de 30 milhões de contos, com 21 milhões de contos, para a Metrópole e 9 milhões para o Ultramar, documento transmitido pelo Secretariado Nacional da Informação, à Imprensa do país.

Os objectivos do Plano de Fomento são bem a estrutura do que não foi atendido e servirá de mui-

CINE-CLUBISMO

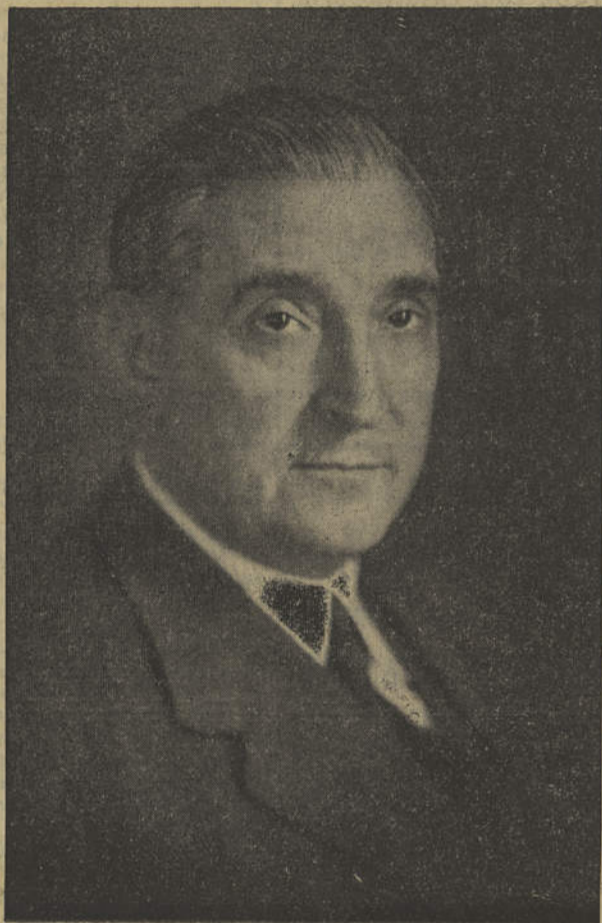
O Cine-Clube de Vila Real de Santo António exhibe na próxima sexta-feira, dia 25, o excelente filme *Belíssima*, de Luchino Visconti,

to para a vida dos portugueses.

Os objectivos fundamentais do Plano são:

1 — Conseguir que o País invista de 1959 a 1964, na Metrópo-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



TAVIRA É A CIDADE ALGARVIA

COM INCONTESTÁVEIS DIREITOS À INSTALAÇÃO DE UMA

ESCOLA PRÁTICA DE AGRICULTURA

No passado Domingo, dia 13 de Abril, o nosso prezado colega «Povo Algarvio» acérrimo defensor dos legítimos direitos do concelho de Tavira, publicou um vasto artigo que

seguir transcrevemos, pugnando pela criação da Escola Prática de Agricultura, na cidade de Tavira.

Damos inteiro apoio a esta justa pretensão, pois Tavira é o concelho algarvio, que mais vive irramente ligado à agricultura, donde tira todos os proventos para a sólida base económica do concelho.

O artigo que a seguir transcrevemos, demonstra cabalmente quanto virá beneficiar o concelho e bem assim todo o Algarve, a edificação da Escola Prática de Agricultura em Tavira.

TAVIRA, concelho essencialmente agrícola, sede do Posto Agrário de Sotavento do Algarve, dentro em breve transformado em Estação Agrária, é, sem dúvida, a cidade algarvia com incontestáveis direitos à criação de uma Escola Prática de Agricultura.

O Algarve está indicado para possuir uma dessas escolas recentemente aprovadas e cuja criação está para breve, segundo nos consta. Ora o concelho de Tavira é um centro de pluricultura e, por essa mesma razão, é também o mais indicado para possuir uma dessas escolas.

O problema da instalação de uma Escola Prática de Agricultura em Tavira é daqueles que se nos afiguram logo, à primeira vista, como sendo da mais fácil resolução, pois não só basta reparar na sua importante riqueza agrícola como o de já possuir, intra-muros um escol de engenheiros agrónomos e de técnicos agrícolas que desenvolvem a sua acção profícua no Posto Agrário de Sotavento do Algarve.

Também aqui existe uma repartição da 4.ª Circunscrição dos Serviços Florestais, o que vem ainda reforçar a nossa afirmação de região essencialmente agrícola.

Tavira, que tem sempre

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Sotavento
Gota

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Um punhado de estrelas

Primavera tão fria levanto a gola do casaco onde a força querem soterrar-me. Uma noite abaiço do nível literário, diria que isso me daria uma agradável sensação de conforto.

Ao diabo os lugares comuns! Para lugares comuns diferentes de cada vez que se repetem, só a Primavera. As flores, a vida que cria asas, a esperança disseminada pela terra qual poleo inextinguível, quem mos dera a mim, lugares comuns de poesia que é a Primavera feita gente!

Sempre me resolvo: a gola do casaco dá-me uma agradável sensação de conforto. Enterro as mãos nos bolsos largueiros. A rua enorme, fria, debruada a casas de pálpebras sem olhos. Não há nada, no meio desta noite, tão insignificante como eu. Não coisinha. Uma pitadinha de escuridão já me cobre toda. Se de repente o génio mau da montanha me levasse para a sua toca, ninguém daria pela minha falta. Tudo continuaria a girar, galileu o disse. Embora nos bolsos largueiros do casaco

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

TEMAS DE TURISMO

O MITO ALGARVIO

O ALGARVE jardim das trinta léguas, das amenidades, do Carnaval, das

GANDEIAS NUNES

praias escaldantes sob o céu azul de Agosto, o Algarve ideal, edénico, paradisíaco, tornou-se um mito em que se por um lado cada vez

COM PARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu às Câmaras Municipais as seguintes verbas:

Alcoutim, para construção da estrada de Gídes, ao limite do concelho, 4.ª fase, 10.000\$00;

Aljezur, para construção do caminho de Odeceixe à praia de Odeceixe, 4.ª fase, 10.000\$00;

Faro, para construção da estrada de Pontão à Ilha de Ancão, 2.ª fase, trabalhos adicionais, 67.300\$;

Lagoa, para reparação do caminho da estrada nacional n.º 125, por Mexilhoeira da Carregação à mesma estrada, 2.ª fase, 5.750\$00;

Olhão, para construção da estrada de Moncarapacho a Estoi, 4.ª fase, 15.000\$00;

Portimão, para reparação e beneficiação da estrada de Figueira (estrada nacional n.º 125) por Mexilhoeira Grande à estrada nacional n.º 125, 3.ª fase, 10.000\$00;

Vila do Bispo, para construção do caminho de Pedralva à estrada nacional n.º 268, 3.ª fase, 15.000\$.

NA 4.ª PAGINA

mais se acredita, por outro vai sendo combatido dia a dia por uma noção mais clara das realidades, sem poesia, sem exaltações, sem

entusiasmos estultos e temporâneos.

De há uns anos a esta parte, desde que se come-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



PRAIA DA ROCHA (Óleo do pintor Lyster Franco)

TEMAS OPORTUNOS

O TRABALHO NOCTURNO NAS PADARIAS

EMBORA estivessemos convencidos de que tratávamos um assunto sério, de largo interesse social, a reclamar a devida atenção de quem esteja ligado aos assuntos relacionados com a actividade profissional dos padeiros, a verdade é que não supunhamos que o apontamento inserido recentemente em *Notícias do Algarve* versando o trabalho nocturno nas padarias, o qual, em

nossa opinião, poderia ser abolido, merecesse dos nossos leitores um acolhimento tão lisonjeiro como o demonstram as várias manifestações de aplauso e incitamento chegadas à nossa redacção «para se continuar a defender corajosamente o ponto de vista então apresentado.»

Avaliando todas as provas de simpatia recebidas concluímos

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

TRAIÇÃO À JUVENTUDE

NÃO sou já o que se pode chamar um jovem. Depois da minha há já outra geração, mas a realidade da traição vem da data

JOSÉ DOS SANTOS MARQUES

da minha juventude até aos dias, que vivemos. A juventude foi traída! Tudo quanto ela esperava, tudo quanto constituía seu sonho fervoroso, todas aquelas blaudícios de um futuro seguro e de promessas realizadas com que lhe acenaram, redundou em traição.

Traíram-na aqueles que não lhe estenderam a mão para poder revelar-se, traíram-na aqueles que lhe prometeram paz e segurança

SESSÃO CULTURAL NA CASA DO ALGARVE

No próximo dia 25, sexta-feira pelas 21.30 horas, a Casa do Algarve leva a efeito uma nova sessão promovida pela sua Comissão Cultural.

O distinto artista Manuel Cabanas falará sobre «D. Alvaro III, Bispo de Silves», companheiro e amigo do Cardeal D. Jaime, e o escritor e musicólogo Pedro de Freitas dissertará sobre «A influência da música na ciência e na alma do Povo.»

Seguidamente serão feitas várias exhibições da música típica do Algarve pelo compositor Arnaldo Martins de Brito.

na vida. Traíram-na aqueles que lhe negaram uma cultura e uma mentalidade.

A juventude vive um drama, o drama mais angustiante que pode imaginar-se.

A traição fechou-lhe o coração para o amor; esmagou-lhe a felicidade; fomen-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

GARÇÃO E O ECLIPSE DAS LETRAS

CAMILO chamou à época de Garção o maior eclipse das letras portuguesas. Só o autor da *Cantata de Dido*, Cruz e Silva e Reis Quita escaparam do tenebroso eclipse. Estes, na poesia. Na prosa, Verney, Bluteau, Cavaleiro de Oliveira, Cenáculo, Ribeiro Sanches. «O arcadismo

JONAS NEGALHA

não deixou, observa Manuel Bandeira, do ponto de vista artístico, bagagem mais importante do que a da escola que se propôs combater. O século anterior produzira ao menos alguns dos maiores prosadores da língua. Com efeito, a era pomalina foi, na literatura, a mais apagada. Já no reinado seguinte aparecem os pré-românticos: surge Bocage, que, apesar da sua grandeza, não passa de oásis que se esboça num deserto. Em Correia Garção (*Cordon Ertmantou* na Arcádia) nota-se

ABASTECIMENTO DE AGUA à vila de Alcoutim

Concluídas as pesquisas, com os resultados previstos, para o abastecimento de água ao domicílio foi elaborado o contrato entre a Câmara Municipal e uma firma de Lisboa, para a execução do projecto comum de abastecimento de água enseamento, o qual deve estar concluído em fins de Maio próximo.

Dada a urgência da resolução do problema e o interesse que o sr. ministro das Obras Públicas tem demonstrado por este melhoramento, é de prever que ainda no ano corrente se iniciem os trabalhos em causa.

um evidente horacianismo e uma reacção contra os gongóricos, esses poetas enfadonhos que (embriulharam esquisitos pensamentos em denegridas nuvens). Garção restaurou os moldes clássicos e anunciou o lirismo romântico. Se não é um verdadeiro pródromo na acepção literária do termo — é o sem dúvida no subconsciente emotivo da sua poética.

Não são oportunas em NOSSOS

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

QUADRA

OS BEIJOS SÃO TEMPESTADES
MESMO SEM VENTO OU CHUVADA
VÃO BEIJOS... FICAM SAUDADES
E BOCAS... SABENDO A NADA.

D. R.



Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

D. Maria Manuela Nunes

Encontra-se em convalescença da doença que durante alguns dias a reteve no leito, a sr.^a D. Maria Manuela Nunes, nossa distinta colaboradora.

Com pouca demora esteve nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Raul Manero.

Com pouca demora esteve em Lisboa, o nosso prezado assinante em Castro-Marim sr. dr. Francisco Dias Cavaco.

Esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Graciliano Vieira Carmo.

Casamentos

Na Igreja Paroquial desta vila, realizou-se no passado dia 12 do corrente o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria da Encarnação Águas Vargas, filha do nosso prezado assinante sr. António Fernandes Vargas e da sr.^a D. Maria da Conceição Águas, com o sr. Emilio Cardoso Xavier, filho da sr.^a D. Joana Maria Cardoso e do sr. Emilio Xavier.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Dr. Manuel Fernandes Vargas e sua esposa e pelo noivo o sr. Tenente-coronel Joaquim dos Santos Gomes e sua esposa.

Após um finíssimo «copo de água» servido na casa da noiva, os noivos seguiram viagem para Lisboa.

No dia 6 de Abril corrente, realizou-se na Figueira da Foz, o casamento religioso da sr.^a D. Dulcinea Amaral Baía com o sr. José Luís Milhano Pessanha, Agente de Seguros, natural de Castro Marim, filho da sr.^a D. Amélia Milhano Pessanha e do sr. Narciso André Pessanha, funcionário administrativo nesta vila.

Serviram de padrinhos por parte da noiva o seu tio sr. Manuel Maria Matos Velez, Chefe da Polícia Segurança Pública, daquela cidade e a sr.^a D. Maria de Lourdes Gameiro Sizudo, estudante de medicina e por parte do noivo os seus pais.

Após um finíssimo «copo de água», servido na esplanada do restaurante «Teimoso» os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Buçaco, fixando residência em Lisboa.

O MITO ALGARVIO

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

çou a falar de turismo num plano de interesse nacional; que o Algarve é cantado em todos os tons como uma zona ideal para o desenvolvimento da indústria, o que foi interpretado à priori como querendo dizer que o Algarve era já a tal zona maravilhosa do turismo florescente, assente desde início nos valores básicos desta indústria que, nos nossos dias tanto se tem desenvolvido pelos cinco cantos do mundo.

Foi isto que, dando origem ao mito algarvio, originou igualmente os seus detractores — todos aqueles que, porque não acreditam na poesia, porque, como Joaquim Namorado, nunca foram aos Mares do Sul, trataram de destruir o ingénio engano em que nós algarvios tão bem nos sentíamos acreditando. E eis, portanto, o Algarve criticado, o Algarve destruído e arrasado, por terra o frágil castelo de cartas que arquitetáramos, o Algarve chicoteado com fú-

rias de Apocalipse... O Algarve não é o tal jardim das trintas léguas porque, meus senhores, o Algarve não tem hotéis e pensões que satisficam os turistas exigentes, habituados aos Palace Hotel; as amendoeiras e o Carnaval algarvio são uma mentira porque, quer acreditem quer não, o sr. dr. Fulano de Tal teve que passar a noite, com esposa e filhos nos estofos do Cadillac por não ter encontrado alojamento em terras algarvias; o céu azul do Algarve é postiço e falso porque as comissões de turismo, ou as não há, ou não fazem nada, e não há guias nem intérpretes e o turista nacional ou estrangeiro que nos visita é obrigado a sofrer o vexame de um vulgar «desenrasca-te»!

E assim, como todos os mitos, ai temos a nossa província exaltada e combatida, edensada pela sofistica dos jornais, regionalista ou não, e escarnecida à mesa dos cafés pelas pessoas que não entendem as tiradas de fervor bairrista. Para citar exemplo, basta dizer que em Tavira, quando por lá passei, havia beirões que denegriam o Algarve porque, ou não gostavam de Tavira, ou não aguentavam a vida militar que os obrigava a lá permanecer e que, em Portimão, há quem cante loas à terra algarvia porque a Praia da Rocha é excelente em qualquer altura do ano...

Torna-se evidente que ambas as atitudes pecam por excesso. A política mais realista que pretende dar ao Algarve o lugar que ele na verdade merece dentro do turismo nacional, é relativamente recente e ainda não se impôs. Há pouco tempo ainda, que a melhor empresa algarvia encetou a campanha por enquanto, não é altura de se avaliar a colheita.

Contudo, e justamente porque não se pode precisar com exactidão até que ponto tem o mito algarvio prejudicado ou promovido o desenvolvimento turístico da provincia, compete e nós, algarvios, mais do que ninguém, providenciar a destruição desse estado mítico que, de forma alguma, poderá servir de base ao progressivismo estruturado que todos nós pretendemos seja imprimido às coisas do turismo algarvio.

A não ser que queiramos que, destruindo-o os outros,



PROVINCIA

TAVIRA

Vida Cara

Em virtude duma pequena exportação de Vinho que se fez para o estrangeiro, o preço deste líquido

HERDADE NO ALGARVE

Vende-se, denominada Monte do Sol e anexas, situada na freguesia de Alcoutim, com a área de 162 hectares, composta de boas terras de cultura, montado, bastante olival, grande amendoeal em plena produção, hortas com pomar de laranjeiras e outras árvores de fruto. com casa própria, poços com boa e abundante água, em parte banhada pelo Rio Guadiana, com bom Monte de Habitação e dependências agrícolas, e tem ligação telefónica privada n.º 1002 de Alcoutim.

Podem ser vista aos domingos, a partir de 23 de Março.

Dirigir proposta ao Dr. José Gonçalves Fagulha, Beja, que reserva o direito de as não considerar, se não lhe convierem.



Agradecimento

Luisa Rosa do Carmo Fernandes

Os filhos, genro, noras e netos de Luisa Rosa do Carmo Fernandes vêm agradecer, muito reconhecidos, a todos quantos se dignaram acompanhar à sua última morada a sua querida mãe, sogra e avó.

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto



Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques Consulto-nos o catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & F.ª L.ª

fiquem com ele destruídos também os valores reais que a nossa terra inegavelmente possui.

Candelas Nunes

do subiu em todo o país. Tavira que possui uma Adega Cooperativa também não fugiu à regra e de 5\$00 cada litro, já se vende a 6\$40 e com tendências para mais caro. Por este andar passará o vinho a ser vendido ao preço da cerveja.

O Peixe

O pouco que tem aparecido continua a ser vendido a preços que as donas de casa não o podem comprar. O carapau, o peixe dos pobres é agora vendido nesta cidade a preços para ricos, ou seja a 10\$00 o Kilo (40\$00 o cento). Por este andar não há dinheiro que chegue para comer e a classe pobre, a maioria, pede providências a quem de direito.

Sociedade Recreativa

Esta semana tem constado em Tavira que se pensa em reunir-nos só, os conhecidos clubes «Sociedade Orfeonica» e «Clube Recreativo», medida que na opinião dos interessados deve resultar um bem para a cidade. Na nossa modesta opinião ainda somos pelo que está e nada de uniões. Antigamente havia duas filarmónicas conhecidas pelas dos «Namarrais» e «Limpinhos», que desempenhavam e muito bem o seu papel, Fundou-se a Banda de Tavira, e automaticamente acabaram aquelas. E hoje só existe a actual que é o que se vê e que todos sabem.—e.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

leve um punhado de estrelas e as revolva nos dedos trémulos.

A propósito de um remédio

Há pessoas que possuem dinheiro a mais. Verdade. E há delas que o possuem tão de menos que a vida se lhes escoa pelas faltas. Outra verdade. Há quem alguém que negue estas verdades? Ninguém. Meu Deus!

Se é assim tão evidente como poderá acontecer, em nome de quê, de que valor humano, se recuse a M. N. a moeda bastante para comprar o remédio que traria a saúde — e a tranquilidade?

Que razões misteriosas e universais compensam o sorriso quebrado, a noite sem futuro e o dia sem horizonte? Por que as válidas razões nós permitimos que se retire ao efêmero seu quinhão de felicidade?

Maria Manuela Nunes

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 12 a 18 de Abril.

Entrados:

MARIA CHRISTINA, de 549 ton. e MIRA TERRA, de 562 ton., Portugueses, ambos de Lisboa, vazios. MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de Nantes, com folha de flandres. MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

MARIA CHRISTINA, para Lisboa, com enxôfre. MIRA TERRA, para Lisboa, com minério. MARIAECK, para Hamburgo, com cortiça.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 19 a 25 de Abril a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone, 49.

QUEM PERDEU?

No Posto da P. S. P. desta vila, encontra-se depositada uma caixa contendo uma agulha e seringa para injeções.

Entrega-se a quem provar pertencer-lhe.

SAHARA



A LÂMINA ALEMÃ QUE LHE PROPORCIONA UMA BARBA BEM FEITA, DE CORTE SUAVE E AGRADÁVEL E LHE OFERECE NOTAS DE 500500 100500 50500 E 20500! SE ENCONTRAR A SENHA SAHARA TROQUE-A PELO PRÊMIO CORRESPONDENTE.



SAHARA

Agente Distrital:
José Dias Costa Júnior
TELEFONE 307
Rua Abolm Ascensão, 33 — FARO

Quartos particulares para alugar

A fim de ser possível informar quem o solicite, agradece-se a todos os Proprietários que disponham de quartos para alugar, tanto nesta Vila como em Monte Gordo, que informem o Posto de Turismo, sito na Estação de Caminho de Ferro — Guadiana — do número de quartos de que dispõem, da residência, do preço e de quaisquer outros elementos que julguem convenientes.



serras • serrotes

E DEMAIS FERRAMENTAS PARA AS INDUSTRIAS DE MADEIRA CORTIÇA CURTUMES E MINAS

fita de serro

ACOS

suecos de qualidade para todos os fins

KLOSTER

F. RAMADA, L.ª
OVAR

LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

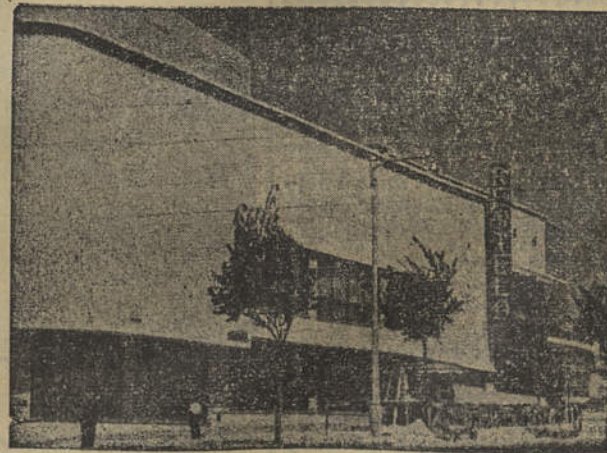


Pelácio da Pena — SINTRA
Duas Referências

CHALLENGE



TELAS BETUMINOSAS



Cinema Restelo — LISBOA

90 % das construções em Portugal são impermeabilizadas com o nosso sistema de camadas multiplas de

TELAS-MASTICS

10 anos de garantia

100% de Impermeabilização

71,5 % de Isolamento

Pedidos aos serviços técnicos de:

V. T. MARTINS

Rua da Prata, 59 - 5.ª Esq. Telef. 25690

LISBOA

O NOVO PLANO DE FOMENTO TAVIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

le, 68 milhões de contos nas actividades produtivas, dos quais 21 milhões estão programados neste II Plano de Fomento sob a direcção do Estado, verificando-se assim que, coerente com a sua doutrina, o Governo se interfere directamente num sector de investimentos, deixa larga margem à iniciativa privada. Conforme já se disse, no Ultramar, o investimento dirigido pelo Estado atinge 9 milhões de contos.

2 — Melhorar a produtividade do capital fixo, existente e a investir.

3 — Aumentar o Produto Nacional Bruto ao custo dos factores em 27%, fazendo o passar de 54 milhões de contos anuais em 1959 para 66 milhões em 1964.

4 — Aumentar a captação anual do mesmo produto nesse período em 22%.

Ainda na Sala da Imprensa, o secretário Nacional da Informação, salientou a acção de Salazar, tendo dado mostras do valor do Plano e a influência do Presidente do Conselho nesta activa causa — a nação.

«Assim e para além de todo o imenso significado da lição de Salazar estará o do seu permanente optimismo que é, afinal, o de suprema confiança nas possibilidades dum povo que em si próprio encontrou sempre energias bastantes para forjar o seu destino.

Neste preciso momento em que alguns discutem as condições de sobrevivência do Ocidente e, na ordem económica, tentam organizar arranjos e combinações de vários tipos, bem me parece que Portugal poderosamente contribui, com as suas próprias posses, para a defesa de posições que se consideram fundamentais na medida em que, aproveitando melhor as suas possibilidades económicas, se tornará mais apto a enfrentar as dificuldades e contingências que o futuro pode trazer».

Quer na Metrópole como no Ultramar, o Plano de Fomento estará presente com a mesma intenção — fomentar o que não está fomentado e engrandecer a indústria e a vida de todos os portugueses. Um maior nível é também a intenção do referido documento.

Com bases, o Plano para os próximos cinco anos é o seguinte:

1 — Iniciar a execução de um plano de rega que atingirá uma área de 164.000 hectares especialmente no Alentejo e que neste Plano atingirá 46.000 hectares, gastando-se mais de um milhão de contos.

2 — Arborizar 205.000 hectares de terrenos publicos e particulares na Metrópole, dependendo-se 750.000 contos.

3 — Iniciar a reorganização agrícola com o emparcelamento facultativo dos minifúndios e melhor aproveitamento das terras regadas.

4 — Aumentar a produtividade agrícola, florestal e pecuária, mediante intensa campanha de tratamento e defesa sanitária das plantas e dos animais.

5 — Reforçar em 75% do seu capital actual o Fundo de Melhoramentos Agrícolas destinado a proporcionar crédito barato (2% ao ano) e a longo prazo (até 30 anos) aos agricultores, investindo-se 150.000 contos.

6 — Ampliar a rede de armazenagem em todo o País para a conservação do arroz, dos cereais, da batata, da fruta, do azeite e do vinho, de modo a evitar a sua deterioração e a permitir a regularização do mercado, para o que se previram mais de 350 mil contos.

7 — Construir, como 1.ª fase do Plano de Viação Rural, cerca de 2.000 km. de novas estradas e caminhos municipais e proceder à grande reparação de outros 2.000 km. Nestas obras despendem-se 840.000 contos, sem prejuizo da execução do plano rodoviário em curso, como atrás frisei.

8 — Elevar em 54.000 para 64.000 toneladas a produção nacional de bacalhau seco, para o que se construirão mais 10 novos barcos e 3 secas artificiais.

9 — Elevar de 30% a capacidade de pesca de arrasto do alto, de modo a conseguir, em 1964, mais 14.000 toneladas anuais de peixe; duplicar a produção nacional de atum e impulsionar as restantes formas de pesca.

No seu conjunto construir-se-ão 57 novos barcos e despendem-se 57 milhões de contos e com o apetrechamento de instalações a quantia de 550.000 contos.

10 — Prosseguir no reconhecimento das existências de combustíveis nacionais (pesquisa de petróleo e antracites). Avaliar as reservas dos minérios de ferro de Moncorvo, estudar o seu beneficiamento económico e proceder ao aproveitamento siderúrgico mediante a instalação de fornos de Krupp Renn. De igual modo, estudar os minérios do Marão em

aproveitamento pelas minas e pela siderurgia de Vila Cova. Averiguar das reservas de outros minérios essenciais.

11 — Prosseguir na prospecção dos jazigos de urânio e montar a primeira instalação para a produção de urânio metálico, a cargo da Junta de Energia Nuclear.

12 — Iniciar em 1961 a produção de 200.000 toneladas de laminados de aço e proceder à ampliação imediata das instalações para a elevação da produção a 300.000 toneladas, com o investimento total de 2.800.000 contos.

13 — Aumentar a capacidade da refinaria do petróleo de 1.200.000 para 1.500.000 toneladas de petróleo bruto, e ampliação da actual gama de fabricos.

14 — Elevar o consumo nacional de azoto, em fertilizantes, de 15,4 kg. por hectare para 26,1 kg. e fomentar a produção dos adubos necessários a esse consumo e ao desenvolvimento da respectiva exportação, investindo-se para tal fim mais 670.000 contos.

15 — Aumentar a produção da pasta de papel a partir do eucalipto de 25.000 para 115.000 toneladas por ano, com a preocupação fundamental da exportação.

16 — Estimular a criação de novas industrias para ocupação de mais larga mão-de-obra, fomento da exportação e redução das importações, aproveitamento das matérias-primas nacionais, satisfação das necessidades resultantes da execução do Plano de Fomento na valorização regional.

17 — Instalar o Estaleiro Naval de Lisboa para construção e beneficiação de navios, com docas de 250 m., investindo 1.000.000 de contos, sendo 200.000 do I Plano e 800.000 de II.

18 — Dar início à reorganização intensiva das industrias, para reduzir custos de produção e melhorar a produtividade do capital e a qualidade dos produtos, de modo a que esteja concluída a tempo de permitir à industria nacional suportar os efeitos da projectada liberdade de concorrência ao nível europeu.

19 — Elevar em cerca de 2.000 milhões de kW a produção de energia eléctrica compreendendo o apoio térmico e iniciar os aproveitamentos que permitam estabelecer a continuidade de produção em relação ao III Plano de Fomento.

20 — Ampliar a rede de transporte de energia de acordo com os novos aproveitamentos e utilizações.

21 — Dar maior incremento à distribuição da energia eléctrica e especialmente à electrificação rural, com a comparticipação do Estado e do Fundo de Desemprego, prevendo-se um investimento de 600.000 contos.

22 — Electrificar completamente a linha férrea Lisboa-Porto, prosseguindo os trabalhos já executados até ao Entroncamento, com um investimento de 800.000 contos.

23 — Explorar exclusivamente com locomotivas e automotoras «Diesel» as linhas férreas do Minho, do Douro, de Vale de Vouga e do Corgo.

24 — Renovar a via férrea das várias linhas e reforçar as pontes da linha da Beira Baixa.

25 — Construir o 2.º escalão da 1.ª fase do Metropolitano de Lisboa (Restauradores-Almir. Reis-Areiro-Alvalade).

26 — Prosseguir no programa de renovação e expansão da marinha mercante nacional, prevendo-se o lançamento ao mar de 15 navios novos, com vista a que a frota portuguesa atinja 1.000.000 de toneladas de porte (d. w.) com um total de investimento de 2.200.000 contos, dos quais 600.000 financiados pelo I Plano.

27 — Concluir as secções de cais acostável do Porto de Lisboa entre Xabregas e St.ª Apolónia e entre o Terreiro do Paço e Santos, permitindo nesta a acostagem dos maiores navios do Mundo e a construção da gare marítima do Cais do Sodré.

28 — Preparar a criação da zona franca do Porto de Lisboa, a estabelecer provavelmente na península do Montijo.

29 — Ampliar e apetrechar o porto de Leixões, de modo a permitir-lhe o manuseamento de, pelo menos, mais 600.000 toneladas, que em 1959, e construir um porto de acostagem para navios-tanques e instalações para descarga de sardinha.

30 — Realizar grandes obras nos portos de Aveiro, Figueira da Foz, Funchal e Ponta Delgada.

31 — Proceder a obras de complemento e melhoramento nos portos de Viana do Castelo, Sesimbra, Setúbal, Lagos, Portimão, Faro, Vila Real de Santo António, Horta, Angra do Heroísmo e nos pequenos portos insulares.

32 — Introduzir os melhoramentos aconselháveis nos aeroportos

de Lisboa, Porto e Santa Maria.

33 — Construir os aeródromos da Madeira e da Horta.

34 — Montar mais 50.000 postos telefónicos na rede dos C. T. T., contando-se que as empresas concessionárias, por seu turno, instalem mais 120.000.

35 — Promover a ligação rodoviária em Lisboa das duas margens do Tejo por meio de ponte suspensa, seguindo-se provavelmente a ligação ferroviária por meio de tunel, para o que se contará com capital estrangeiro.

36 — Intensificar a publicação da carta geológica de Portugal, da carta dos solos, da carta agrícola e florestal e da carta de capacidade de uso da terra.

37 — Desenvolver a investigação científica aplicada, nos sectores agrícola, florestal, pecuário, mineiro, industrial e da construção civil para apoio das realizações planeadas.

38 — Preparar pessoal especializado em todos os escalões, incluindo o indispensável à oportuna utilização da energia nuclear, com um investimento de 400.000 contos, e, para esse efeito, incrementar o ensino técnico e construir e equipar 30 novos edifícios para institutos e escolas de ensino médio e elementar agrícola, comercial e industrial.

E destas realizações que se estendem ao longo do mundo português, experimentamos assim um acréscimo económico. A estrutura é boa e dela muito resultará em preveito dum maior organização na vida, a valorização do nosso trabalho e o equilíbrio indispensável da nação.

Francisco Cota

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
Depositarário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

é a cidade algarvia com incontestáveis direitos à instalação de uma Escola Prática de Agricultura

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

caminhar na retaguarda do progresso a que tem jus, esquecida quase totalmente nas suas pretensões, estamos certos de que não deixará perder esta oportunidade, de pedir com calor este melhoramento a que tem direito incontestável.

Convém relembrar que Tavira é a única cidade algarvia onde não existe um estabelecimento oficial de ensino secundário, o que vem comprovar quanto tem sido esquecida pelos poderes públicos.

Tavira, ao pedir a colocação de uma Escola Prática de Agricultura, solicita do Governo da Nação, com a cabeça bem erguida, o cumprimento de um acto de justiça.

Por mais de uma vez já temos ventilado tal problema nas colunas deste jornal, e porque se aproxima o momento da sua criação, voltamos a erguer o nosso clamor em prol desta cidade tão desprotegida nas suas mais lídimas e nobres aspirações.

Quem ousa negar tal direito a uma cidade que vive, por assim dizer, à margem dessa onda de ressurgimento que avassala o País?

Quem contesta tão justa pretensão a quem sempre tem apoiado, com o mais sincero entusiasmo e mais expressiva convicção, a política de Salazar?

A Escola Prática de Agricultura deve ser criada em Tavira porque é, sem dúvida, a terra algarvia a todos os títulos digna desse melhoramento.

Aqui nos quedamos, mais uma vez crentes de que a nobre cidade do Gilão, o importante concelho agrícola do sotavento algarvio, não verá preterida mais esta sua aspiração.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão LUSITANO, 3 — ALJUSTRELENSE, 1

(ao intervalo 3-0)

LUSITANO — Gomes da Costa; Pescada, Antunes e Daniel; Campos e Parra; Salvador, Padesca, Marco, Travaços e Ludgero.

ALJUSTRELENSE — Ramires; Cachola, Ferreira e Alonso; Barbosa e Pinto; Escoval, Tomé, Mário, Patinha e Sargaço.

Árbitro: Jacques Matias, de Setúbal.

A tarde agreste que se fazia sentir, com vento forte e bastante frio, fez com que a assistência fosse reduzida.

O jogo começou praticamente com uma avançada do Mineiro Aljustrelense, concluída pelo seu avançado-centro com um remate que Gomes defendeu sem dificuldade. Em resposta o Lusitano fez perigar a baliza contrária numa jogada em que a bola acabou por sair pela linha de cabeceira e junto ao poste do lado direito. O Lusitano fazia um jogo contra indicado para o vento que varria o campo, sendo a maioria das suas jogadas feitas em passes pelo ar, quando tudo aconselhava a que o jogo fosse feito com o esférico junto ao terreno em passes rasos e curtos. A preocupação do jogo raso via-se na equipa de Aljustrel nas duas ou três avançadas que conseguiu fazer na primeira parte, porque na verdade a equipa levou os primeiros 45 minutos do encontro a defender-se.

Aos 7 minutos surge o primeiro tento do Lusitano: Travaços recebendo um passe de bandeja de Marco, com um pontapé forte e bem colocado, bate irremediavelmente Ramires apesar da grande estirada deste. Pouco tempo depois, aos 15 minutos, Ludgero de posse da bola interna-se e quase sobre a linha de cabeceira centra bem o esférico que, apanhado por Padesca desferiu forte remate, defendendo Ramires para perto, recarga de Travaços e nova defesa do guardaio alentejano para perto, que Marco oportuno com um tiro sem defesa possível marca o segundo golo do Lusitano.

Posta a bola no centro do terreno o Aljustrelense consegue a sua segunda avançada finalizada por Patinha que rematando forte obriga Gomes a defender provocando canto, que marcado nada resulta. Na jogada imediata, Padesca de posse da bola endossa-a a Salvador, este internando-se centra, sendo captado por Ludgero que aproveita para

fazer o terceiro tento do Lusitano. O clube local, favorecido pelo vento forte que tinha pelas costas, continuava num martelar constante as balizas defendidas por Ramires. Ludgero remata mais uma vez, mas o guardaio mineiro fechando inteligentemente o ângulo da baliza, defende sem dificuldade.

Aos 30 minutos o defesa central de Aljustrel, ao pretender interceptar um remate de Padesca, ia metendo a bola nas suas próprias redes, obrigando Ramires a uma aparatosa defesa. Cinco minutos depois, na jogada mais bonita vista até então, passando a bola da defesa ao ataque em passes rasos e conscientes, não é concluída por egoísmo reconhecido de Ludgero que em posição bastante difícil remata sem possibilidade de converter, quando devia ter passado a bola a um dos companheiros mais próximos e em melhores condições de rematar. Pouco depois, novamente Ludgero perde um golo, rematando para fora uma bola bem trabalhada e bem passada por Marco. Quase ao findar a primeira parte um livre próximo da grande área do Lusitano apontado por Tomé, passou junto à trave.

Na segunda parte, o Aljustrelense favorecido pelo vento que continuava bastante forte, carregou no acelerador do seu ataque obrigando o Lusitano a porfiada defesa por algum tempo, tendo Gomes de intervir várias vezes, o que fez com segurança.

Sacudindo a pressão, o Lusitano lança-se ao ataque, procurando agora jogar com a bola junto ao terreno. Assim aos 12 minutos desta segunda parte, Ramires brindou-nos com mais uma defesa de grande categoria ao interceptar forte remate de cabeça desferido por Marco. Em resposta, o Aljustrelense faz um ataque perigoso que obrigou Gomes a lançar-se aos pés de Tomé arrebatando-lhe a bola no momento preciso em que este ia rematar. Pouco depois, num canto contra o grupo alentejano marcado por Ludgero é concluído por Salvador, mas Ramires mais uma vez defende bem. Aos 28 minutos um livre próximo da grande área é marcado por Daniel que atira ao lado.

No último quarto de hora o jogo decaiu um pouco, até que a 3.ª minuto do fim e na sequência de um canto, o Aljustrelense marca o seu ponto de honra, saindo deste lance lesionado o guarda redes Gomes, indo Marco substituí-lo nas balizas.

Pouco depois termina o encontro com a vitória justa do Lusitano.

Apreciando o trabalho da equipa local, diremos que o Lusitano, muito embora não fosse uma equipa muito brilhante, foi no entanto uma equipa que quiz e soube ganhar o desafio, praticando um futebol bastante aceitável, e que, certamente vai dar-lhe confiança no jogo de hoje em S. Brás.

Estamos certos de que, basta os seus jogadores se empregarem, quanto mais não seja, como no jogo aqui relatado, para regressarem com os 2 preciosos pontos que lhe dará direito à fase seguinte. Individualmente Parra distinguiu-se dos seus companheiros, sendo sem dúvida o melhor elemento em campo do seu clube. Logo a seguir Marco, Antunes, Daniel e Pescada. Gomes defendeu bem a sua baliza e no golo sofrido não teve, quanto a nós, nenhuma culpa. Padesca e Travaços oscilaram entre o bom e o mau e Salvador que fez uma primeira parte bastante apagada, redimiu-se na segunda jogando bem como ainda não o tínhamos visto. Ludgero continua a exagerar no transporte da bola, sendo o seu egoísmo nitidamente prejudicial à equipa. Campos preferiu coadjuvar os seus colegas, mas podia e devia ter evitado aquele gesto feito, para um seu companheiro, no declinar da partida.

O Aljustrelense, foi sem dúvida a melhor equipa que neste campeonato nos visitou. Se tivesse uma defesa mais de harmonia com a linha avançada, não duvidaríamos do seu apuramento para a fase que se segue.

Ramires mostrou ser um guarda redes de grande categoria, saídas oportunas, visão em fechar o ângulo da baliza à sua guarda quando isso era necessário, mãos firmes e calma absoluta nos momentos críticos. Não cedo nos esquece o punhado de grandes defesas com que nos brindou e faz-nos desejar nova oportunidade de apreciarmos a sua real categoria.

Tomé foi um elemento útil dividindo o jogo pela sua equipa e orientando o ataque. Mário e Patinha elementos com certa habilidade foram a seguir os jogadores mais em evidência.

A arbitragem do sr. Jacques Matias foi boa.

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A

LISBOA TELEF. 51695

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que, ventilando a necessidade do trabalho nas padarias ser objecto de uma imperiosa, consciente e urgente revisão, de modo a poder terminar-se com esse anacronismo ainda existente, este jornal apontou a prática de um erro que não se ajusta à evolução natural do nosso tempo.

Realmente, custa a acreditar que ainda hoje, depois de tantas e tão profundas remodelações operadas no mundo do trabalho, num sério objectivo de se dar aos trabalhadores portugueses uma mais humana protecção—e entre elas conta-se precisamente a defesa do trabalho nocturno—se verifique a manutenção da laboração de noite do fabrico do pão. Será porque seja impossível modificar o sistema? Não! Talvez isso aconteça pela força da rotina. Mas esta modificável, evidentemente. Verificada esta verdade, só surpreende porque ainda persiste esse hábito secular, consagrado simplesmente pelo *deixar andar que está certo*.

Seria assim nos tempos recuados, quando o trabalho era fardo que resignadamente se aceitava e sofria como rigorosa punição. Hoje, que a dignificação do trabalhador é um facto acentuado nos princípios idealistas dos modernos agregados políticos, não faz sentido que se persista, teimosamente, em deixar correr para o mar nas águas dos rios.

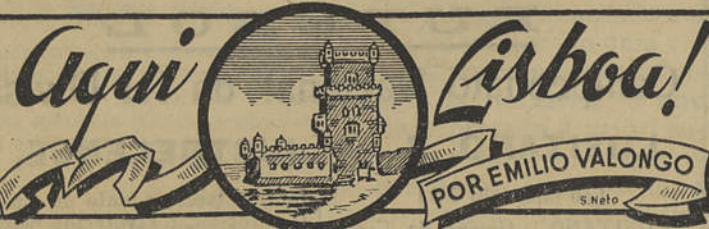
Por tudo isto e pelo mais que, naturalmente, a análise do assunto, logicamente, nos leva a tirar conclusões, afigura-se-nos da maior justiça que essa legítima e humana aspiração dos profissionais de padaria devia ser atendida e satisfeita pelas instâncias competentes com poderes para se modificar legalmente um situação que anda no espírito de todas as pessoas bem formadas a reclamar solução: a extinção do seu trabalho nocturno.

São numerosos os inconvenientes que resultam desse velho hábito dentre os quais a possibilidade de uma menos perfeita técnica na fabricação e também alguns atropelos aos preceitos rigorosos da higienização, pela qual tão cuidadosamente de vela. E isto é o que conta fundamentalmente para o interesse do consumidor.

Correspondendo, portanto, ao interesse suscitado pela nossa referida crónica, e aproveitando um pouco as diversas sugestões de incitamento que muitas das pessoas interessadas nos apresentaram, este jornal vai procurar agitar o assunto para além da simples local publicada anteriormente, arquivando nas suas colunas o que acerca dele pensam algumas individualidades afectas ao respectivo sector profissional e neste propósito iniciaremos no próximo número a publicação das suas opiniões, na intenção de que se possa contribuir para uma revisão que conduza à satisfação de uma classe que nos merece toda a simpatia e que ansiosamente deseja ver anulada essa anomalia de ter de trabalhar de noite quando muito bem o pode fazer de dia, sem prejuízo para os interesses do consumo público.

Anuncio neste jornal de grande expansão em todo o País.

Visado pela Comissão de Censura



A INAUGURAÇÃO DO «SALÃO DA PRIMAVERA» na S. N. B. A.

Lisboa, 17 — Inaugurou-se, anteontem, na Sociedade de Belas Artes, o «Salão da Primavera», no qual figuram 190 obras de pintura e 20 de escultura.

Presidiu ao acto de inauguração o sr. Presidente da República que, após uma demorada visita à exposição, fez entrega das medalhas de pintura a Lázaro Lozano (medalha de honra) e Maria Manuela de Meneses e menções honoríficas a Maria Manuela de Vasconcelos e Sousa, Maria Margarida Tamegão e João Mário Aires de Oliveira.

Esta exposição, depois visitada por grande número de pessoas, encontra-se aberta até ao dia 4 de Maio.

O SR. MINISTRO DA MARINHA visitou o «Rio Alfusqueiro»

O novo navio bacalhoeiro «Rio Alfusqueiro», lançado à água recentemente, foi visitado pelo sr. Ministro da Marinha e vários dirigentes dos organismos da Pesca.

Dentro de dias, este novo e bem apetrechado bacalhoeiro, fará a sua campanha de pesca.

UMA LACOBRIGENSE INDESEJÁVEL

Hospedando-se em residências particulares, uma mulher de boa apresentação e maneiras convidativas, foi roubando, sucessivamente, vários cobertores, até que a Polícia Judiciária, na qual se avultavam as queixas, a conseguiu prender e remeter o respectivo processo aos Ministérios Público. Anteriormente numa busca efectuada ao seu último domicílio, a P. J. conseguiu apurar que as roupas furtadas tinham sido totalmente empenhadas, porque na mala da arguida foram encontradas as respectivas cautelas.

Trata-se de Maria Vilhena, natural de Lagos.

A PRIMEIRA VISITA DE REPRESENTANTES DA IMPRENSA promovida pela «Sala da Imprensa»

Realiza-se, hoje, a primeira visita de representantes da imprensa portuguesa e estrangeira organizada pela «Sala da Imprensa», recentemente criada no S. N. L., e cujo objectivo é proporcionar aos jornalistas um mais íntimo contacto com algumas instalações fabris de conservas, lugares bacalhoeiros prontos a partir para a sua faina, o navio de depuração «Gil Eanes», o posto de depuração de ostras e uma seca do bacalhau.

DR. JORGE DE MELLO

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Eugénia da Cunha de Mello, partiu, anteontem, no «Giulio Cesare», o sr. Dr. Jorge de Mello, administrador-delegado da C. U. F., que a convite do governo italiano, vai assistir ao acto inaugural da Exposição Internacional de Milão.

LUTUOSA

Faleceram nesta cidade, os srs. Francisco José Mendes, de 78 anos, reformado da Marinha de Guerra, natural de S. Marcos da Serra; José António de Matos, de 71 anos, natural de Faro; e as sr.ªs D. Maria Custódia, de 66 anos, natural de Olhão; D. Lucinda de Oliveira Moreira Vaz, de 75 anos, natural de Lagos, viúva do sr. dr. João Vaz Agostinho; D. Maria da Visitação Leal de Carvalho, de 89 anos, viúva, natural de Alte, Loulé, e D. Maria de Jesus Correia, de 64 anos, mãe da sr.ª D. Custódia Ramos, natural de Olhão.

Apresentamos sentidas condolências às famílias enlutadas.

CARTAZ

Teatros:
Maria Vitória — Minha filha é de gritos!
Monumental — Um Fastasma Chamado Isabel
Variedades — Pernas à Vela
Avenida — Fogo no Pandeiro

Cinemas:
Politeama — Amar não é Pecado
S. Jorge — Quo Vadis
Eden — Romeu e Julieta
Tivoli — O Adeus às Armas
Império — O Homem das Chaves de Ouro

E. V.

Garção e o eclipse das letras

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dias as palavras de Luís António Verney a propósito da poesia bizantinista do seu tempo:—«Todo o ponto destes poetas está em singularizar-se, seja como for; e assim buscam argumentos esquipáticos, os quais obrigam a procurar conceitos desproporcionados... amontoam conceitos inverosímeis; e servem-se de expressões que não significam, as quais agradam aos ignorantes». O tempo de Garção não era mais fértil em poetas do que o nosso. Poucos galgaram o futuro desse passado até ao nosso presente. Poucos do nosso presente galgaram o futuro até um presente longínquo, onde seremos talvez um passado irrisório com poucos sobreviventes.

Para Garrett a *Cantata de Dido* é «uma das mais sublimes concepções do genio humano». E Joaquim Ferreira comentou a opinião de Garrett: — «A justiça não faltou neste louvor. Se não há nela as proporções grandiosas dum poema épico, vibram nos seus versos os sentimentos mais humanos. E' um episódio à altura de Eurípedes. Quanto à linguagem, dir-se-á «geométrica» na posição das palavras: o pensamento ajusta-se na forma, o objectivo harmoniza-se com o substantivo, a música do verbo exprime a substância das ideias. E' um modelo de precisão clássica na poesia». Não há exagero na opinião de Garrett. Não há exagero na opinião de Joaquim Ferreira. Se uma *Cantata de Dido*, com metade do valor da de Garção, fosse escrita por um Goethe ou por um Schiller, entraria das antologias poéticas do mundo. Que o mundo é de todas as literaturas, menos da nossa... No estrangeiro bastam os artistas de talento para a imortalidade. Em Portugal nem os artistas de génio rasgam as fronteiras... definitivamente.

Pigmeus alcañorados no Parnaso. Camões admirado por homens esporádicos; não é proprie-

tário, não é capitalista do Parnaso.

Rebello da Silva, grande escritor esquecido, asseverou que «a lira de Garção viverá nos tempos, porque ninguém, igual a ele, soube nunca unir a pureza da arte à elevação do sentimento, nem traduzir em carnes mais viris o destino sublime do homem, que a fortuna não espanta, e só à mão de Deus se dobra». Garção não conseguiu renovar a arte poética, não obstante as suas tentativas; fugiu ao gongorismo e caiu no camonismo, não por falta de qualidades, que as tinha como ninguém no seu tempo, mas antes por viver em época refractária à renovação exigida. Só o romantismo restituiu a literatura à grandeza clássica, dentro da grandeza romântica. Os homens superiores fazem a história: os artistas superiores fazem a literatura e as outras artes. Mas é necessário que a época lhes seja propícia. Os que se antecipam são os percursores; os que vêm depois são os epígonos. Garção e Bocage vieram antes do momento renovador: Garrett e Herculano vieram na altura adequada.

Garção, embora vivendo em macronismo literário, deixou-nos uma obra que ainda hoje se lê com interesse e que não é, como se diz, uma paráfrase de Horácio. O motivo da prisão do poeta é ainda um problema discutido. Foi a composição *Fala de D. Pedro* que exacerbou a sanha pombalina? A denúncia de Elsedon ou de Macbean? Francisco Dias Gomes, contemporâneo do poeta, afirmou ser a causa da prisão «tão fútil que vergonha era expressá-la».

Jonas Negalha

Traição á Juventude

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

tou-lhe o egoísmo; atçou-lhe o ódio; ensinou-a a ser cobarde e a ferir pelas costas; treinou-a no uso de armas proibidas e obrigou-a a esgrimir com astúcia.

Todo este choque de imoralidade, toda esta enorme podridão a que assistimos impotentes são produtos da traição.

Foi a traição que vilipendiou a vida, que a tornou ridícula e sem finalidade.

Traíram a juventude, mataram a juventude.

Nossos cabelos brancos queiam precocemente, vossos rostos enrugam-se antes de tempo. Nosso senho carrega-se de angústia e a incerteza tolda-nos o espírito. Nossa inteligência atrofia-se e as conquistas do homem são cada vez mais raras.

E' certo que as descobertas da ciência agora mesmo nos deslumbraram, mas os espectaculares resultados obtidos são ainda a guerra que domina, é ainda o anseio de conquistas egoístas e o desejo de matar que prevalece.

Tudo quanto representa criação se limita — tudo está sob a sombra negra da traição.

E' preciso acabar com a traição. E' preciso que sejamos livres, que tenhamos o nosso lugar na vida, que encontremos nela a posição que de direito nos pertence. Também queremos ter presença na Humanidade. Queremos que reparem em nós e nos acolham no seio da sociedade. Queremos, justamente, uma sociedade onde a traição não seja possível e onde a vida ganhe significado.

Não pode haver muitos nem panaceias. Os lugares não detidos pela mediocridade em prejuízo de uma geração traída mas prenhe de valor e de desejo de afirmar-se, de contribuir para que o Homem tenha

a dignificação e grandeza que merece.

E' tempo de desmascarar a traição, de ganhar independência, de quebrar o jugo e de gritar a existência.

Na arte como na vida, na técnica como na cultura a presença da juventude é necessária. E' lá nos devemos colocar. E' lá que devemos que enfrentar a vida e trabalhar pelas causas justas.

Este grito que aqui lanço aos quatro ventos é para ser ouvido em todos os recantos do globo. E' uma denúncia da traição. E' um desejo forte de banir essa traição, de a tornar nula, de lhe antepor a realidade da nossa inteligência, da nossa cultura, da nossa arte e da nossa técnica. Traição vence-se com vivência.

José dos Santos Marques

TEM DE IR À CAPITAL?
PREFIRA A
Pensão Évora
RESIDENCIAL
O MAIOR CONFORTO
Aguas correntes em todos os quartos, quentes e frias
Preços módicos
Rossio, 59-2.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 367666

BATERIAS
TIPO MARÍTIMO

Tudor

ESPECIAIS PARA
EMBARCAÇÕES

DISTRIBUIDORES NO ALGARVE:

EVA — Empresa de Viação Algarve

Rua Infante D. Henrique, 100 — FARO

MERCEDES-BENZ

MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS

DE 25 A 225 H.P. ENTREGA IMEDIATA

POTÊNCIA SUPERIOR
ATÉ 1350 H. P.
ENTREGA RÁPIDA

C. SANTOS LDA.
DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA
TRAVESSA DA GLÓRIA, 17 - LISBOA
R. STA. CATARINA, 160-168 - PORTO

R. Dr. Teófilo Braga, 50
Vila Real de Santo António